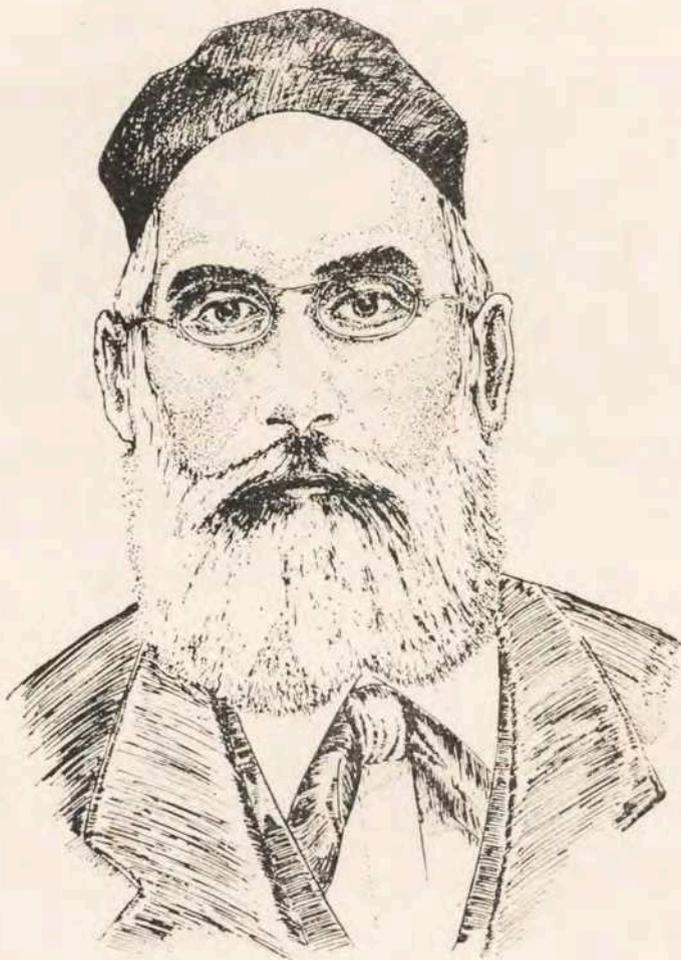


DE FRISCHMANN



Blumenau

em cadernos

TOMOX



JANEIRO DE 1969



Nº. 1

Emprêsa Industrial Garcia S/A

BLUMENAU — ESTADO DE SANTA CATARINA

Escritório e Fábrica: Rua Amazonas, 4906/Garcia

Enderêço Telegráfico: "GARCIA" - CAIXA POSTAL 22

Fiação e Tecelagem de Algodão

FIOS DE ALGODÃO DE SUPERIOR QUALIDADE

TOALHAS FELPUDAS DE ROSTO E DE BANHO

TOALHAS DE MESA — PANOS DE COPA

LENÇOS — ROUPÕES, ETC. — ATOALHADOS

CRETONES E OUTROS TECIDOS

Blumenau

em Cadernos

TOMO X - ★ JANEIRO DE 1969 ★ - Nº. 1

NOVO MARCO

Com êste número, "Blumenau em Cadernos" inicia o seu X Tomo, correspondente ao décimo ano de sua existência.

Os nove anos passados foram vencidos com grandes esforços e enormes sacrifícios. Com o material de impressão cada dia mais caro, o custo das nossas edições sobe de ano para ano de forma assustadora, obrigando-nos a constantes reformulações dos nossos planos e orçamentos.

Procurando manter o preço das assinaturas em um nível acessível a quantos se interessem pelos assuntos históricos regionais e não desejando fazer das páginas da nossa publicação veículo de propaganda comercial e industrial, lutamos com sérias dificuldades financeiras para manter a regularidade do nosso aparecimento mensal.

Até aqui, graças ao auxílio que nos têm prestado os poderes públicos, alguns bons e dedicados amigos e firmas locais, temos superado todos os obstáculos que encontramos, todos os percalços, muitos dos quais nos pareciam intransponíveis.

E é confiado nesse auxílio que nos animamos a enfrentar o novo ano, que surge sob augúrios pouco favoráveis. Temos, entretanto, fé suficiente na nossa própria força de vontade e confiança bastante na utilidade da obra que estamos realizando, para enfrentar, corajosa e entusiasticamente, o período que, com esta edição, "Blumenau em Cadernos" inicia.

Não nos mingüie o amparo e a colaboração daqueles que nos vêm ajudando, não nos falte a cooperação da Prefeitura Municipal e nós, certamente, chegaremos ao fim, não só do marco de que, hoje, partimos mas, também, de muitos e muitos outros e, assim, alcançar as metas a que nos propusemos quando, em 1958, lançamos o caderno inicial da série que vimos editando.

Os nove volumes, já publicados, de "Blumenau em Cadernos" são o melhor atestado da validade da obra em que nos empenhamos; são um repositório precioso de dados e informações históricos que, devidamente assegurados para os historiadores de amanhã, facilitar-lhes-ão a tarefa de estudo e de pesquisa.

Deixamos, aqui, consignados os nossos agradecimentos ao govêrno municipal, pela subvenção que continua a nos dar; ao Comércio e às Indústrias locais que muito nos têm ajudado e, especialmente, aos nossos assinantes e àqueles que, espontâneamente, têm contribuído com significativas somas de dinheiro para a continuação do nosso trabalho.

JANELA DO PASSADO

P. Raulino REITZ

Andando pela Rua Azambuja, em Brusque, penetra-se num estreito e sinuoso vale que leva à Praça de Azambuja onde o sentimento cristão e patriótico erigiu diversos templos: um templo religioso: o Santuário de N.S. de Azambuja, onde os fieis e peregrinos de todo o Estado de S. Catarina buscam saúde e confôrto espirituais; um templo da saúde: o Hospital Consul Carlos Renaux para tratamento dos males do corpo; um templo do ensino e educação: o Seminário Menor Motropolitano com seus cursos de ginásio e colégio para candidatos ao sacerdócio; um templo de caridade: o Asilo para os desprotegidos: e um templo de cultura; o Museu Arquidiocesano Dom Joaquim, que é uma autêntica janela do passado, atravez da qual contemplamos e estudamos a história, especialmente a do Estado de S. Catarina. Neste Museu vemos:

Uma pedra de granito com	1.500.000.000 de anos
Um pinheiro petrificado com	210.000.000 de anos
Um sáurio fóssil com	180.000.000 de anos
Um peixe fóssil com	90.000.000 de anos
Um esqueleto de índio com	2.500 anos
Uma estatueta cartaginesa com	2 200 anos
Uma moeda romana com	1.900 anos
Uma bíblia impressa com	400 anos
Esculturas religiosas com	250 anos
Relíquias militares da Guerra do Paraguai com	100 anos
Recordação da Fundação de Brusque com	100 anos

Em sucessivos passos pelo Museu, especialmente na secção de Paleontologia, Geologia, Petrografia e Mineralogia sentimos a evolução da vida no mundo. Nas salas de caráter retrospectivo admiramos o início de nossas colônias e cidades, de modo particular, Brusque. As salas de arte religiosa nos contam a nossa evolução religiosa.

Diversas salas representam determinadas épocas históricas. Quero me referir especialmente à nova ala do Museu que acaba de ser entregue à visitação. Situada no andar térreo, ocupa 5 amplas salas ricamente providas de mais de 100 peças históricas da arte religiosa catarinense. Esta parte dá o cunho de originalidades ao nosso Museu: uma visão perfeita de nossa evolução religiosa. O Prof. Dr. Carl Ilg, diretor da Faculdade de Filosofia da Universidade de Insbruck (Áustria) ao fazer pesquisas em nosso Museu disse: Nesse Museu se pode estudar e tocar o passado catarinense.

Na sala de ARTE BARROCA estão expostas 25 peças que apresentam o auge da arte religiosa portuguesa em nosso litoral. Há esculturas de grande valor histórico, artístico e mesmo monetário. O grupo "Fuga do Egito" também denominado "Nossa Senhora do Destêrro", venerado há séculos na antiga matriz de Destêrro (Florianópolis) hoje Catedral Metropolitana, é o mais rico tesouro artístico do Museu. É avaliado em 100 milhões de cruzeiros antigos.

Uma sala é dedicada ao santeiro Cesare Zanluca, que era redicado em Nova Trento, e decorou o palácio do Govêrno, em Florianópolis, e a residência do Cônsul Carlos Renaux, em Brusque. Apresenta cinco esculturas religiosas de sua lavra. Outra grande sala que alguém apelidou "Sala dos Santos Aposentados", nos transporta ao fim do século e alhores dêste, em que surgiu, em Santa Catarina, uma notável arte reliogisa colonial. Os colonos não tendo meios de adquirir imagens na Europa distante, para prover suas igrejas começaram a entalhá-las mesmo. Surgiram os "santeiros da colônia". Na SALA DOS SANTOS APOSENTADOS, 30 peças nos mostram ao vivo a simplicidade e a fé dos nossos antepassados, pioneiros de nossa civilização. Nos minutos passados nesta sala se revive a religião do alvorecer da civilização interiorana catarinense.

Num conjunto de sacristia e capela, mobiliadas com peças autênticas recordamos a liturgia dos fundadores de nossas comunidades, cidades e vilas. A fé dêsses colonos ficou gravada nas 100 peças reunidas de todos os quadrantes do nosso Estado, que estão expostas na CAPELA DO IMIGRANTE. Os santeiros usavam unicamente material local para a teitura de suas imagens religiosas: madeira, barro, cêra de abelha, lata (fôlha de flandres), arame, pregos, cobre, chumbo, pano, etc. De todos êsses materiais temos peças adquiridas de muitas igrejas do interior catarinense. Nosso Museu consagra com essa nova secção ora entregue à visitaçãõ pública uma área autóctone, genuinamente catarinense, que será admirada pelos visitantes do país e do exterior.

No ensejo publico e estatística do último ano administrativo do Museu, que vai de 1º de agosto de 1967 a 31 de julho de 1968. Visitantes:

Adultos	8.459
Crianças e estudantes	2.712
Em coletivos	826
Grátis	348
TOTAL	12.345

Nos primeiros 8 anos de funcianamento do Museu já recebemos 90.000 visitantes.

Dentre os muitos episódios tristes e lamentáveis que tiveram lugar em Blumenau, em virtude da mudança do regime monárquico para o republicano, em 1889, deram-se alguns cômicos. O "Blumenauer-Zeitung", de 1º de abril de 1890, refere o seguinte: "Conforme nos informaram, o Padre Drezwitz, na Capela de Pommerstrasse (Pomeranos), n.º. 66, pregou contra o casamento civil, que chamou de cachorrada (Hundeehen). Alguns italianos sentiram-se ofendidos e quiseram ir ao couro do padre".

A DAMA DO VÉU BRANCO

(DICTYOPHORA PHALLOIDEA DESVAUX)

Renate Rohkohl DIETRICH

Quando ainda bem criança, êle já sentia imenso prazer em participar das conversas sôbre caçadas, em casa de seu avô Sametzki, onde se reuniam amigos que gostavam do esporte venatório. Os caçadores gostam de trocar impressões sôbre as suas aventuras, aumentando-as às vêzes exageradamente, cercando as de incríveis fantasias. É o que se chama "latim dos caçadores". E essas conversas eram-lhe mais deslumbrantes que as fábulas mais fantásticas.

Foi numa dessas reuniões que êle ouviu falar, pela primeira vez, na "Dama do véu", a misteriosa "dama do véu branco".



A "Dama do véu branco" (DICTYOPHORA PHALLOIDEA DESVAUX) é uma das mais curiosas variedades de cogumelos, comum no solo úmido das florestas blumenauenses. Embora de observação bastante difícil, de vez que seu desabrochar se verifica ao anoitecer, completando o seu desenvolvimento durante a noite, não aparecendo, pela manhã, nada mais d'êle, senão uma pequena porção de restos gosmentos. Estudando-o, minuciosamente, o micólogo Alfredo Moeller durante 3 anos de permanência em Blumenau conseguiu, também, descobrir e descrever diversas espécies novas d'esses interessantes representantes da flora do Vale do Itajaí.

Quando um caçador se demorava no mato e o lusco-fusco já escurecia a vastidão das selvas, êle seria, súbitamente, atraído por um raro perfume que se desprendia de uma espécie de pequenina rêde, em forma de véu, branco de neve, que se escapava de um chapèuzinho esverdeado. O seu aparecimento seria tão estranho e tão maravilhoso, que o caçador, embora ensioso por deixar

a mata, para que a completa escuridão o não apanhasse ali, não podia desprender-se do encanto de visão tão extraordinária. E quem tivesse a sorte de ter essa visão, seria para sempre feliz.

O menino insistia com o avô para que este também o levasse ao mato, nas suas caçadas, pois não podia dominar a ansiedade de ver e de sentir as perfumadas auras que se desprendiam da "dama do véu branco". Na sua imaginação infantil, ele identificava a dama do véu com a "Dama Branca", o fantasma do castelo dos Hohenzollern e com a boa Fada da Floresta, que satisfazia os desejos de todos.

E, com os olhos chispando felicidade, ele confidenciava à sua mãe: "O vovô me prometeu que, quando eu for maiorzinho, ele me dará uma espingarda e nós iremos juntos ao mato. E, então, eu hei de ver a "dama do véu branco" e ela me trará felicidade"...

A mãe, certamente, teria pensado que seu filho Erich precisaria mesmo de muita sorte na vida, pois ele era um menino bem inteligente, é verdade, mas também muito acanhado e taciturno.

Erich Gaertner era o filho mais velho do casal Victor e Roese Gaertner, e, conseqüentemente, sobrinho-neto do Dr. Blumenau, fundador da cidade.

Com a idade, mais se acentuou o seu acanhamento, de tal sorte que preferia aos passeios pelas, então ainda bucólicas, ruas de Blumenau, as incursões, de canoa, pelos rios próximos, pelas suas margens onde mais espessa se mostrava a floresta, Pescava e caçava, trazendo para sua mãe, que nesse entretempo enviudara, o que conseguia apanhar, ajudando, assim, o sustento da casa.

Como tivesse herdado de seus pais o grande amor pela natureza e muito, sobre ela, tivesse aprendido com o Dr. Blumenau, não lhe foi nenhuma decepção constatar que o amor dos seus verdes anos não era nenhuma fada maravilhosa de véu branco senão a inflorescência de uma espécie, muito rara e notável de um cogumelo com extraordinário perfume. Ele já tivera oportunidade de encontrar e admirar muitos deles. Trar-lhe-iam, porém, a felicidade?

No ano de 1890, veio a Blumenau o naturalista, Professor Alfredo Moeller, já conhecido no mundo científico pelos seus estudos e obras sobre o reino vegetal. Ultimamente, especializara-se nas observações e estudo dos cogumelos, ou da micologia, e desejava fazer aqui investigações a respeito desse tão interessante ramo da botânica. Facilitou a sua vinda a Blumenau o fato de ser ele sobrinho do Dr. Fritz Müller, o sábio que aqui já vivia desde 1852 e que, como grande naturalista que era, poderia, inclusive, orientá-lo nos seus trabalhos e observações dos cogumelos tropicais.

Segundo as próprias afirmações do Dr. Moeller, o clima de Blumenau é dos mais favoráveis à germinação e ao desenvolvimento dos cogumelos: "Eu encontrei, no distrito da Colônia Blumenau, nada menos de dez diferentes formas de Faloideos e, possivelmente, não existe outra região do mundo, com igual área, que possa contar com igual número de espécies da citada família".

E como o Dr. Moeller precisasse de um auxiliar e um guia, nas suas buscas e observações, não poderia ter encontrado melhor do que na pessoa de Erich Gaertner que conhecia, como ninguém, as florestas que cercavam

Blumenau. Orientado por seu pai e pelo Dr. Blumenau, Erich possuía bons conhecimentos de botânica e tinha singular paixão pelas ciências naturais.

O Dr. Moeller reconheceu a valiosa cooperação desse dedicado auxiliar, citando-o, muitas vezes em seus livros, como, por exemplo: "O sr. Erich Gaertner, meu fiel ajudante nos trabalhos, percorreu, semana após semana, os arredores de Blumenau, dispensando especial atenção à descoberta de faloideos. A êle eu devo agradecer uma grande parte do material recolhido".

Que eram faloideos? A família da sua "dama do véu branco", que tem o nome científico de *Dictyophora phalloidea* Desvaux. Êsse cogumelo já tôra, por diversas vezes, descrito por botânicos, pois, segundo escrevia o próprio Dr. Moeller, "nenhum outro cogumelo atraiu tanto a atenção dos botânicos que visitaram os trópicos, como êsse". Não havia, porém, boas reproduções do mesmo e coube ao Dr. Moeller fotografá-lo, pela primeira vez, em todo o seu esplendor.

Sôbre o raizame, nos solos cobertos de fôlhas apodrecidas, aparece, primeiramente, uma espécie de botão, que os botânicos, prosaicamente, apelidaram de "ôvo". O desenvolvimento da "dama", a partir do "ôvo" até o final do ciclo vegetativo, verifica-se em apenas duas horas, conforme maravilhosa descrição que o dr. Moeller faz no seu livro, "Cogumelos". Vamos abreviar essa descrição:

Às 14 horas, rompeu-se a membrana do "ôvo", aparecendo o tópo do "chapéu". O "ôvo" maduro tem 2 a 2,5 cm. de diâmetro e é redondo.

Aparece, primeiramente, ao empuxo inicial, uma ligeira saliência que é a parte superior do "chapéu" que, sempre com maior ligeireza, rompe a membrana que envolve o ôvo, aparecendo logo a gleba esverdeada. Com o crescimento rápido, de, mais ou menos, 1 mm. por minuto, o caule continua a surgir e, às 3h,20 êle já é visível entre a aba do "chapéu" e a da volva de que se desprende. Sob o "chapéu", se se olhar de baixo para cima, já se nota, ainda completamente enrolado, o rendilhado do véu.

Às 16 horas e 15 minutos o cogumelo mede 99 mm. Dessa altura em diante, o crescimento passou para 1,5 mm. por minuto, podendo-se observá-lo perfeitamente. Mas, o que é ainda mais maravilhoso é que não apenas se pode vê-lo mas, também, ouvi-lo crescer. Do momento em que o crescimento começa a aumentar de velocidade em diante, se o silêncio circundante fôr completo, pode-se ouvir, perfeitamente, êsse crescimento, na forma de um ruído característico, como o da espuma se desfazendo.

Repentinamente, às 16,20 minutos, quando alcança uma altura de 104 mm. começa a fazer-se sentir o perfume do cogumelo.

Às 16 horas e 37 minutos começa o véu a soltar-se e a descer em quedas intervaladas. Tôda vez que, sob o "chapéu", se abre uma ou mais das malhas todo o conjunto sofre um pequeno abalo que sacode todo o véu. Dos 8 minutos depois das 17 horas, o véu não pára um só instante em desdobrar-se. As "vigas" que o sustentam, são, à princípio, rígidas. À proporção que as malhas do véu vão se abrindo, êste aumenta de volume e vai tomando a forma arredondada, em tôrno do caule, descendo de sob o "chapéu" esverdeado. Às dezessete horas e 37 minutos, a altura total era de 174 mm.

Pode-se bem imaginar que é a mais maravilhosa e impressionante das observações relacionadas com os cogumelos o desenvolvimento de uma

dictiófora.

O ponto culminante do maravilhoso espetáculo verifica-se quando a alvíssima rêde, semi aberta, sofre uma espécie de sôco e desprende-se totalmente, imprimindo a todo o conjunto um tremor que dura segundos.

Naturalmente, procurei observar o maravilhoso e altamente curioso desabrochar tantas vêzes quantas fôsse possível. Consegui-o duas vêzes em janeiro de 1890, seis vêzes em 1892 e duas vêzes em 1893, podendo fazer preciosas e exatas observações no acompanhar o extranho desenvolvimento da curiosa planta. De um modo geral pode-se dizer que as "dictióforas" completam a sua fecundação com o escurecer, pois, realmente, dão a impressão de ser flôres noturnas. Tão logo os raios do sol da manhã refletem sôbre a planta já meio murcha, esta se abate e dela pouco depois nada mais resta que um montículo de ruínas pegajosas".

Mais adiante o dr. Moeller escreve no seu livro "Cogumelos Brasileiros":

"A 14 de março de 1892, o sr. Erich Gaertner encontrou, na chamada Ponta Aguda, no mato, dois cogumelos um tanto murchos e meio dilacerados e, ao lado, um "ôvo" de "dictiófora", em comêço de desenvolvimento, não pertencente, na minha opinião, à espécie citada. O "chapéu" era de côr alaranjada, sôbre um largo colar de colorido rosa" O Dr. Moeller denominou essa espécie desconhecida de "Dictyophora nov. spec."

Além dessa, êle encontrou, aqui, várias outras espécies desconhecidas de cogumelos que batizou e descreveu pela primeira vez. Entre elas, algumas que, de perto, nos interessam porque receberam denominações relacionadas com Blumenau e Santa Catarina, como:

"Blumenavia Rhacodes"; "Hypogrolla Gaertneriana"; "Itajahya nov. gen."; "Celus Garciae"; "Peziza catharinensis" etc.

No seu livro "Phycomyceten und Ascomyceten", o Dr. Moeller escreve mais: "Possuo ainda muitos outros dados que o sr. Gaertner registrava com exatidão, quase que diáriamente, desde 11 de fevereiro a 19 de abril. Valia a pena basear-se nas observações relacionadas com o desprendimento dos esporos da "Daldinia" nas anotações meteorológicas do sr. Gaertner".

Como resultado dos três anos de permanência do Dr. Moeller em Blumenau, êle deu à publicidade três grandes trabalhos científicos: Editado em 1893: "Die Pilzgaerten einiger suedamerikanischer Ameisen"; em 1895: "Brasilianische Pilzblumen"; em 1901: "Phycomyceten und Ascomyceten". Todos os três livros se encontram no "Museu da Família Colonial", anexo à Biblioteca Pública de Blumenau. Todos êles são ricamente ilustrados com desenhos e fotografias.

O livro: "Brasilianischen Pilzblumen" tem a seguinte dedicatória manuscrita do Dr. Moeller: «Ao seu querido e ilustre tio Fritz Müller, como cordial prova de agradecimento do autor. Berlim, 4/11/95». Por sua vez o exemplar do livro "Die Pilzgaerten einiger suedamerikanischer Ameisen" porta a seguinte dedicatória do próprio punho do Dr. Moeller: «Ao seu querido cooperador nos trabalhos micológicos e nas excursões, sr. Erich Gaertner, ao despedir-me de Blumenau, com a cordial gratidão do autor. 2 de junho de 1893» Além disso, o sr. Erich Gaertner recebeu uma maravilhosa fotografia colorida da sua "Dama do véu branco", com a seguinte dedicatória: «Ao seu

querido cooperador e amigo, sr. Erich Gaertner, como lembrança. Berlim, 1895. A. Moeller».

Essa fotografia, num quadro, esteve no quarto de Erich Gaertner até a sua morte e onde eu, pela primeira vez o vi e por mais de uma vez ouvi a sua história dos próprios lábios de Erich.*)

Pela cooperação que dera ao sábio, pela valia que êste emprestava, seguidamente, a essa ajuda, Erich Gaertner adquiriu confiança em si mesmo e no seu trabalho. Prontificou-se a ajudar sua mãe na direção da Companhia Fluvial e, mais tarde, substituiu-a na direção dessa mesma Companhia. Tempos depois, foi nomeado Fiscal de Rendas Federais, cargo em que permaneceu até a sua aposentadoria.

Tornou-se um dos mais respeitados e estimados membros da Comunidade Blumenauense, conquistando inúmeros amigos.

Recordo-me ainda das muitas churrascadas que o mesmo oferecia nos fundos do seu parque, sob o grande bambuzal, da qual participavam, entre outros muitos amigos, os dois farmacêuticos Reinoldo Anton e Georg Boehm, Augusto Zittlow, Otto Rohkohl e Hermann Rohkohl, o seu irmão Arnoldo Gaertner, sua irmã Edithe e a senhora Edithe Rohkohl. Também eu e minha irmã, as duas crianças da vizinhança, éramos sempre bem-vindas.

Nós éramos sempre carinhosamente recebidas por êle, que nos reservava uma porção especial de «kuchen», bombons e gasoza, o que nós não deixávamos de apreciar muito. Êle era um homem bom, muito liberal e humanitário, sempre pronto em ajudar os outros, embora um pouco esquisito e hipocondríaco. Erich Gaertner conservou-se solteiro. Durante os vinte anos em que sua irmã Edithe se manteve na Europa, como celebrada artista de teatro, dirigia a casa uma governanta idosa, a «Vellha Gusta». Possivelmente, êle nunca tivera oportunidade de se encontrar com uma moça que tivesse o garbo, a beleza e a semelhança da «Dama do véu branco», a maravilhosa «dama» dos seus sonhos de rapaz.

Teria a «dama» lhe trazido felicidade? Eu diria que sim. Pois a amizade com um sábio de grande renome, a cooperação em trabalhos de alto valor científico, o reconhecimento por êsses trabalhos e a confiança que, em vista dêles, conquistou em si mesmo, não será, por si só, uma felicidade?

Erich Gaertner morreu de um derrame cerebral em abril de 1931, estimado e respeitado por todos.

*) O quadro com a litografia da «dama do véu branco» é conservada, juntamente com as obras citadas neste artigo, no «Museu da Família Colonial. (N. da R.)

— BLUMENAU EM CADERNOS —

Fundação e direção de J. Ferreira da Silva

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina

— Assinaturas: por Tomo (12 números) NCr.\$ 5,00 —

Redação e Administração: Alamêda Duque de Caxias, 64

Caixa Postal, 425 — BLUMENAU — Santa Catarina - Brasil

Aviação sem Motor em Blumenau

Fritz REIMER

Em prosseguimento ao artigo intitulado "Aviação sem Motor" e publicado na edição n.º 9 de "Blumenau em Cadernos", podemos informar os nossos leitores, que no ano de 1936 fundou-se novamente, sob a iniciativa do muito simpático engenheiro Norberto Knall, uma agremiação de amadores dêsse esporte. Norberto Knall, de nascença norueguêsa, veio no mesmo ano da Alemanha para instalar os fornos elétricos da Eletro-Aço Altona S.A., que essa firma tinha adquirido naquele país. Entusiasta e grande conhecedor do esporte de planadores que era, reuniu-se, em meados de 1936, na varanda do então muito afamado Hotel Walter Seifert, situado na rua 15 de novembro, onde hoje está estabelecida a Drogaria e Farmácia Catarinense, com os srs. Rudolf Frisch e Georg Loechelt, ambos funcionários da firma Carlos Hoepcke S.A., Fritz Reimer, empregado do extinto jornal "Der Urwaldsbote", editado em língua alemã, sob a direção do estimadíssimo e já falecido sr. G. Arthur Koehler, hoje Tipografia e Livraria Blumenauense S.A., Curt Stoeterau, empregado da Empresa Industrial Garcia S.A., August Kiel, trabalhando na fábrica de motores elétricos de seu pai, que estava situada no prédio ao lado da Oficina Gaertner, na rua São Paulo, e outros de cujos nomes não nos recordamos, onde fundaram a "Segelflieger - Gruppe Blumenau" (Grupo de Planadores de Blumenau). Mais tarde associaram-se ainda, entre outros: Willy Manteufel, Alfred Loehr, Franz Kreuzer, Erich Werner, Rudolf Kleine Jr., Lothar Otte, Hans Windisch e Milton Swarowsky. Sob a direção do sr. Knall foram logo iniciados os trabalhos de construção de um planador de aprendizagem, tipo semelhante ao do construído em 1927. Êsses trabalhos foram levados a efeito diariamente, à noite, num rancho cedido por um simpatizante morador de Altona (Itoupava Sêca).

A aquisição do material necessário tornou-se bastante difícil. Assim, por exemplo, houve grande dificuldade em conseguir madeira compensada à prova d'água na espessura de 1 $\frac{1}{2}$ mm., cuja colagem, finalmente, foi feita, mesmo sob condições primitivas, depois de terem conseguido a madeira laminada em Rio do Sul, aqui em Blumenau. As ferramentas disponíveis inicialmente eram apenas uma serra, uma plaina, algumas limas grossas e canivetes. As ferragens e o verniz - especiais para planadores - foram ofertadas pela Liga Alemã de Planadores (Deutscher Segelflieger-Bund).

Mais tarde o sr. Eduard Tierling, proprietário da linha de ônibus Blumenau-Itoupava Sêca cedeu uma parte de sua garagem, visto o rancho em que trabalharam já tornar-se muito pequeno para os trabalhos. Entrementes o sr. Knall retornou para a Alemanha, assumindo, como presidente eleito, a direção e orientação dos trabalhos, tendo êle como auxiliares de diretoria e secretário Fritz Reimer e o tesoureiro Curt Stoeterau. Pela parte financeira do grupo, não só os sócios sacrificaram-se, mas sim também o comércio blumenauense ajudou o quanto possível. Em poucos meses o planador estava pronto. Para possibilitar as experiências de vôo era necessário um cabo de borracha, o qual conseguiram, não se sabe como, da sociedade antecessora. Para transporte do planador era preciso um carro especial, o qual também foi fabricado pelos associados em seus trabalhos noturnos. O planador foi levado

então a um pasto que existia nos fundos da Rua Cel. Christian Feddersen, onde foi construído um hangar e iniciados os treinos de vôo. O direito de voar dependia do tempo de trabalho do associado. Assim o sr. Frisch foi o primeiro levado ao ar, conseguindo uma altura de 3-5 metros. Mais tarde foi alcançada altura de 8 m. o que, para esse tipo de planador foi normal em saídas com cabo de borracha. Os treinos realizaram-se dominicalmente, porém já em poucos meses notava-se a perda de elasticidade da borracha (era de 500 fios). Escrevia-se à Liga Alemã de Planadores, pedindo o preço de um cabo de 800 fios. Entrementes começava-se a construção de um segundo planador, um tipo para treinos de mais avançados, cujos planos foram doados gratuitamente pela Liga Alemã de Planadores. Esses trabalhos foram executados já com bom sortimento de ferramentas, adquiridas pelo Grupo em parte e doados por sócios.

Entrementes a oficina (já se podia denominar assim) foi mudada para a marcenaria do sócio Willy Manteufel, a Rua São Paulo, onde hoje fica a residência do sr. Hoffmann. Os treinos tinham de ficar suspensos, devido o mau estado do cabo de borracha. Em abril de 1937 estiveram em visita a Blumenau os aviadores de planador Franz Schubert, de Dessau-Alemanha e Victor Zampis de São Paulo. Nesta ocasião foram realizados os últimos vôos, numa festa popular que a sociedade promoveu no seu campo de aviação, contratando um automóvel para rebocar o planador em vez de usar o cabo de borracha. Nestas condições foram realizados vôos em alturas de 20-30 metros, aproveitando toda extensão do campo. O sucesso alcançado era muito mais do que se esperava. Foi logo encomendado um novo cabo na Alemanha (de 800 fios), e, depois que foi confirmado o pedido, foi remetido o respectivo numerário. Qual, aliás, foi a alegria e surpresa ao saber que a liga o tinha presenteado e já encaminhado para o Brasil. Mas essa surpresa ainda foi muito superada ao saber da Liga que a firma Truppel & Cia. de São Francisco do Sul, também tinha transmitido a importância do preço à Liga. Assim o Grupo tinha um crédito bem elevado, resultado pelo próprio pagamento e do da firma Truppel, pois o cabo foi doado gratuitamente. Era de estranhar o gesto nobre da firma Truppel ao doar essa importância sem que alguém a solicitasse. A alegria, porém, não durou muito tempo pois um incêndio irrompido na marcenaria Manteufel destruiu não só o segundo planador, cujos trabalhos achavam-se já na fase de conclusão, mas sim também todos os pertences do Grupo. Mas nem assim os sócios desanimaram. Pouco mais tarde, porém, a Alfândega de Itajaí os obrigou a desanimar, pois exigiu uma importância para eles exagerada para a entrega do cabo que entrementes dera entrada nessa repartição. Assim forçadamente a atividade e o entusiasmo dos associados começou a adormecer, e, com o início da segunda guerra mundial o Grupo de Planadores de Blumenau morreu definitivamente. O planador que se achava no hangar, foi retirado pela Prefeitura de Blumenau, em cujas dependências ainda hoje deve existir.

A primeira audição da hino do Estado de Santa Catarina, verificou-se na capital do Estado, então Destêrro, a 4 de fevereiro de 1890. A música do hino é do compositor José Brasilício de Souza e a letra do sr. Horácio Nunes Pires, poeta e dramaturgo.

REMINISCÊNCIAS

H. P. ZIMMERMANN

Em artigo anterior falei das escolas primárias de Gaspar. Nelas sentavam-se ao lado dos Schimitt, Zimmermann e Spengler, os Van Dahlen e os Van Suiten; ao lado dos Freitas e dos Pereiras e dos Oliveiras, os Pamplonas e os Sanchez. Além destes, havia os que se chamavam Zancanela, Sanson ou Bacca. É claro, que naquela época para mim isto nada mais significava do que nomes de colegas de escola, com os quais eu brincava ou disputava jogos infantís. Sómente mais tarde, quando já havia adquirido a capacidade de conhecer o que significava essa variedade de nomes, é que intei-rei-me do seu significado étnico. Ao lado dos descendentes de alemães sentavam-se meninos de origem flamenga, os "belgas" como simplesmente os chamavam; junto com os meninos de origem espanhola, sentavam-se os de origem portuguesa e em meio de todos, lá estavam os de origem tirolêsa, os "italianos", como eram mais conhecidos. É que, em Gaspar, radicaram-se famílias de origem alemã, flamengos, espanhóis, portugueses e tirolêses. Assim, lá processou-se exatamente aquilo que se processou em todo o Brasil: um país de fixação de imigrantes de todo o mundo, de cuja fusão étnica e miscegenação resultou uma nação. Se o Brasil hoje pode ser considerado uma síntese do mundo, Gaspar, guardadas as devidas proporções, disto não é excepção. Para lá dirigiram-se primeiro os alemães, com os quais vieram várias famílias de portugueses vindos de vários

pontos do litoral, muitos dos quais originários dos Açores. Alguns anos depois vieram os flamengos e por último chegaram os tirolêses. Simultaneamente, em diferentes épocas, vieram as famílias de origem espanhola.

Já disse também, que as armas do historiador são os documentos nos quais pode estribar-se para escrever a história de um país ou de uma nação, assim como, o de um pedaço deste país como a de uma pequena parcela da nação. Infelizmente eu não possuo documentos históricos relativos a Gaspar e o seu povoamento. Assim, limito-me a dizer, o que na minha memória ficou desde o tempo de minha juventude. Creio mesmo, que com relação ao povoamento de Gaspar poucos documentos existem e se existem, devem estar espalhados em meio dos arquivos públicos de Florianópolis ou do Rio de Janeiro, talvez ainda em outros lugares mais. Os livros de assento da paróquia também só podem informar resumidamente algo sobre as famílias, como casamentos, batizados, falecimentos, etc., mas certamente não podem esclarecer a história do povoamento de Gaspar. Não sei também, se algum historiador já pesquisou a história do povoamento de Gaspar, dada a pequena importância deste pequeno pedaço do vale do Itajaí em comparação com a colonização de Blumenau, o desenvolvimento da região onde se localiza a cidade de Itajaí e, posteriormente, a fundação de Brusque, a primeira e a última obedecendo a planos pre-

estabelecidos. Situado neste triângulo formando por Itajaí, Blumenau e Brusque, Gaspar, antes distrito de Itajaí depois de Blumenau, fruto de uma migração espontânea e não planejada, certamente não despertou maior interesse nos estudiosos para merecer dêles o esforço de pesquisar a sua história. Esta realidade, porém, não elimina o fato de ter Gaspar recebido o afluxo de várias etnias, que ali sempre conviveram amistosamente, sem preconceitos raciais e que se tornaram tão bons brasileiros como são os de todo o Brasil.

Quando chegaram a Gaspar as primeiras famílias de imigrantes alemães, elas localizaram-se à margem direita e esquerda do rio Itajaí, desde Poço Grande até Belchior. O centro natural desta colonização sempre foi o povoado que hoje é a cidade de Gaspar. É verdade, que a primeira capela estava situada mais rio acima, mais perto de Belchior, mas já a primeira igreja matriz foi construída em Gaspar.

Os flamengos, de nacionalidade belga, quase na sua totalidade localizaram-se na margem esquerda do rio Itajaí, frente a localidade Gaspar. Contavam os antigos habitantes de Gaspar, que êsses flamengos trariam em seu grupo vários homens ilustres, de grande cultura, que falavam várias línguas. Fato é, porém, que êsse grupo étnico pouco tempo conservou as suas características étnicas e rapidamente fundiu-se com os outros.

Os tirolezes, de nacionalidade italiana e austríaca foram localizados no estreito vale do ribeirão Gaspar Pequeno, fechado de elevados montes e contrafortes da serra do mar. Talvez tenham êles escolhido esta região para sua permanência no Brasil, impelidos que foram pelas saudades das altas montanhas

de sua pátria. Seria interessante saber-se com exatidão, quais os motivos que conduziram os tirolêzes e os flamengos a localizar-se em Gaspar. Quanto aos alemães, sabemos que vieram de São Pedro de Alcântara porque não gostaram daquela região. Mas' quem teria indicado a região de Gaspar aos flamengos e aos tirolêzes como ponto ideal para a sua fixação? Quanto ao povoamento de Gaspar, ao que tudo indica nunca houve um plano de colonização, como foi o caso com Blumenau e Brusque. Tudo indica, que o povoamento de Gaspar processou-se espontaneamente e sem plano previamente delineado.

A mistura das etnias que se radicaram em Gaspar, ou seja a miscegenação inevitável, estampou à sua população algo de diferente daquilo que se podia observar nos municípios vizinhos. Quem tem convivido com a população de Gaspar, deve ter constatado que ela parece mais despreocupada, mais inclinada a não tomar as cousas mais a sério do que necessário, a não se preocupar antecipadamente com o que poderá acontecer no futuro e mais disposta a deixar que os acontecimentos venham a ela, e não de ela mesma ir em seu encontro. Nos colóquios familiares, por vêzes ouvia-se dizer, que em Gaspar a alegria natural das populações do Mosela e a cordialidade das do Hunsrueck, donde vieram as famílias alemães, associou-se à expansividade alegre dos homens do Tirol, donde procederam os chamados "Italianos" e que tudo isto influenciou profundamente na formação do temperamento de sua população. Uma característica destaca-se especialmente nesta população, que é o seu grande apêgo à sua terra.

Falando ainda de etnias, não

queremos olvidar que Gaspar também tem um bairro, que antes chamava-se Quilombo. Sabemos, que êste nome significa "refúgio de negros fugitivos". Ali residiam umas poucas famílias de côr, vindas para o bairro depois da libertação dos escravos. Eram todos considerados bons trabalhadores e nunca lhes faltou trabalho, pois eram considerados ordeiros e pacíficos. No Quilombo, também viveram duas famílias polonêsas. Uma delas possuía um pequeno sítio, mas pouco cuidavam da lavoura e preferiram, tanto os homens como as mulheres, o trabalho assalariado. Da outra, conheci apenas uma senhora idosa, viúva e proprietária de uma pequena casa e um quintal. Frequentemente ela visitava minha avó materna, com quem falava em polonês, idioma que minha avó, natural de Viena, além do alemão falava. Essa senhora idosa parecia-me de fino trato e minha avó nos contava, que ela era descendente de uma família ilustre, antes bem situada na Polônia e que por motivos que desconheço, lá perdera a sua posição e os seus direitos. Minha avó a favorecia bastante e de nós exigia, que a tratássemos com todo o respeito. Muitas vêzes tive que ir à casa dela, para saber como estava passando.

Como não podia deixar de

ser, em Gaspar também apareciam certos aventureiros, existências fracassadas ou frustradas na Europa, descendentes de famílias nobres ou de burgueses ricos, que dêles talvez quizessem se ver livres, que apareciam em Gaspar, como podiam aparecer em qualquer outro lugar, se o seu destino assim o tivesse deliberado. Êsses indivíduos, onde quer que apareçam, sempre constituem um capítulo à parte. Também nas minhas reminiscências êles ocupam lugar especial e dêles falarei oportunamente.

Não fôsse sonhar de olhos vivos, desejaria eu para minha "pequena pátria", que seus aspectos ecológicos, antropológicos, sociológicos, políticos, culturais e econômicos fôsem um dia bem pesquisados na base de assentos históricos e confrontados com os das demais regiões catarinenses. Di-to certamente resultaria, que Gaspar sempre foi um foco de autêntica brasilidade, mesmo não se negando, que lá como em muitas outras regiões, os diferentes grupos étnicos cultivaram por longo tempo a sua cultura, os seus usos e os seus costumes. Mas, talvez o objeto seja por demais pequeno e insignificante no grandioso conjunto brasileiro, para merecer dos pesquisadores um estudo desta natureza.

A primeira Constituição Republicana do Estado de Santa Catarina foi a outorgada pelo Govêrno do Estado, pelo decreto nº. 43, de 13 de janeiro de 1891. O decreto foi assinado pelo 2º Vice-governador em exercício, Gustavo Richard, visto como o governador, Lauro Muller e o 1º vice-governador, Raulino Julio Adolfo Horn se encontravam atuando no Congresso Nacional, o primeiro como deputado e o segundo como senador.

UM ANTIGO CALENDÁRIO

Carlos FICKER

Em artigo, que foi publicado na edição de julho nestes "Cadernos" o sr. Dr. Carlos Fouquet faz referências ao primeiro almanaque publicado em Santa Catarina em língua alemã para o ano de 1864 e impresso em 1863 na Colônia Dona Francisca, hoje Joinville.

Referiu-se o autor, por sua vez, a uma breve notícia nos "Cadernos" em abril de 1968 (Tomo 9 N.º 4) indicando o "Santa Catarina Volkskalender" de 1864 como sendo "possivelmente" o primeiro calendário em Santa Catarina, reconhecendo o autor, que nunca viu um exemplar da-quele almanaque.

Tem razão o Sr. Dr. Carlos Fouquet, pois o almanaque anunciado no "Colonie-Zeitung" (N.º 2, 9 de janeiro de 1864) é o "Santa Catharinaer Colonie-Kalender" para o ano de 1864, distribuído a razão de 500 réis por exemplar na livraria de J. H. Auler, em Joinville.

Redatoriado e editado por Ottokar Doerffel, então secretário da Direção da Colônia Dona Francisca, o calendário com 48 páginas impressas na tipografia que também imprimiu o "Colonie-Zeitung" desde 1862, é obra instructiva com informações preciosas para os imigrantes e colonos estabelecidos na colônia.

Mentor principal dessas atividades culturais foi Ottokar Doeffel, ex-Prefeito da cidade de Glachau, na Saxônia, de onde veio para o Brasil em 1864, por motivos políticos. Chegando à Colônia Dona Francisca acompanhado de sua esposa, assumiu Doerffel, em pouco tempo, altas funções na administração da Direção da Colônia e participou com afinco no setor cultural do povoado recém instalado nas matas virgens. Foi Doerffel quem instalou, em 1862, o primeiro prelo manual em Joinville, imprimindo semanalmente, com uma tiragem de 250 exemplares, o "Colonie-Zeitung", único jornal em língua alemã que se manteve durante 80 anos, até 1942.

Como maçom, Doerffel fundou em Joinville a Loja "Amizade sob o Cruzeiro do Sul" em 1855, participou, como um dos mentores principais, da fundação "Harmonie-Gesellschaft" (hoje Sociedade Harmonia Lyra), do "Saengerbund" que fora fundada em 1858 e outras sociedades recreativas, participando ativamente no desenvolvimento social e cultural da Colônia Dona Francisca.

Quanto ao almanaque acima referido, em 22 de outubro de 1863 Doerffel apresentou um exemplar do calendário ao então presidente da Província, Sr. Pedro Leitão da Cunha, no Destêrro, acompanhado de um ofício manuscrito que abaixo transcrevemos:

"Ilmo e Exmo Sr. Tenho a honra de apresentar pela presente à Va. Excia. hum exemplar da 'Folhinha Colonial de Sta. Catharina', folhinha alemã por mim publicada, em que ao uso dos colonos, principalmente dos recém chegados, que não conhecem ainda as condições do País, registrei os trabalhos rurais, que cabem à cada mes do ano, e em que na página 27 e seguintes dei uma táboa do tempo de oito páginas consecutivas e igual da

temperatura dominante nesta Província e de seu maximo e minimo de três resp. quatro anos consecutivos.

Já em 4 de Fevereiro dêste ano tomei-me a liberdade de dirigir à V. Exca. o pedido junto em cópia e acompanhado à seu tempo da informação do Director desta Colônia. Receiando que êste pedido não viesse ao conhecimento de V. Excia. e desejando que em interesse dessa Província possa empregar-me nas observações meteorológicas de modo mais especial e mais perfeito, permito-me tornar a apresentar à V. Excia. o pedido junto a fim de resolver o que julgar conveniente.

Deus guarde a V. Excia. Joinville, aos 22 de Outubro de 1865

Ottokar Doerffel, Secretário da Diretoria da Colônia

Dona Francisca.

Infelizmente e apesar dos esforços de Doerffel, o calendário não foi um successo sob o ponto de vista comercial. Relendo tôda a correspondência do Arquivo da Direção da Colônia Dona Francisca, pode-se ajuizar perfeitamente a respeito do seu interêsse, do seu empenho, da sua insistência no sentido de evitar soffressem os imigrantes as dificuldades naturais dos primeiros tempos e manter o ânimo dos recém-chegados. Daí as lutas que travou para vencer as inúmeras dificuldades e sacrificio quando reeditou o calendário nos anos seguintes de 1865 e 1866 pelo preço reduzido de 400 réis por exemplar.

Em carta dirigida ao Sr. A. Herbst, de Belchior (Colônia Blumenau) em setembro de 1868, Ottokar Doerffel queixa-se amargamente dos prejuízos soffridos e do fracasso da sua obra. Já em 1867 o livreiro da Colônia Dona Francisca, J. H. Auler, apresentou um calendário importante da Alemanha, o "Deutsche Gewerbskalender" de Max Wirth (editado em Weimar-Alemanha) e no ano seguinte, em 1868, foi apresentado um almanaque alemão em versão especial para o Brasil, o "Payne-Familien-Kalender illustrado" com o título: "Kolonie-Kalender fuer Sued-Brasilien". Morreu, assim, a iniciativa de Ottokar Doerffel e desapareceu, melancolicamente, o primeiro calendário em língua alemã impresso em Santa Catarina.

As armas e a Bandeira do Estado de Santa Catarina, foram instituídos pela lei nº 136, de 15 de agosto de 1895 sancionada pelo então governador Hercílio Pedro da Luz. As Armas foram desenhadas pelo depois Almirante Henrique Boiteux e a Bandeira pelo seu irmão, depois desembargador José Arthur Boiteux, ambos historiadores. Abolidas pela ditadura de 1937, foram restabelecidas pelas leis 973 e 974 e regulamentado pelo decreto 605 de 19 de fevereiro de 1954. A Bandeira passou por algumas modificações, passando a apresentar duas faixas vermelhas e uma branca central. O losango verde foi conservado e as estrelas, que simbolizavam os municípios foram substituídas pelo Brasão das Armas.

UMA INTERESSANTE PROPOSTA

Em 1865, o Dr. Blumenau recebeu a incumbência de organizar um "Regulamento Comunal", para a sua Colônia que, dois anos antes, passara para o domínio do Governo Imperial. Essa peça, de que existe uma cópia no Arquivo Municipal, é muito interessante e merece transcrição. Embora não se possa afirmar com segurança se esse "Regulamento" entrou, realmente, em vigor, ele dá bem uma idéia do pensamento do fundador a respeito da ordem que deveria reinar em seu estabelecimento. Transcrevendo-o para estas páginas, alteramos a ortografia da época, mas conservamos o próprio estilo do Dr. Blumenau e as impropriedades de sintaxe, naturais num estrangeiro com poucas oportunidades de usar o português na conversação e na correspondência.

PROPOSTA DE REGULAMENTO COMUNAL PARA A COLÔNIA BLUMENAU

Artº. 1º. - Todos os proprietários da Colônia Blumenau formam a Comunidade, que tem por fim a criação de capitais e de rendas com que se possam conservar e, respectivamente, construir caminhos, canais encobertos, etc. e, além disso, a promoção de outros fins comuns.

Artº. 2º. - Cada proprietário é obrigado a conservar a parte de caminho principal, que toca ao seu terreno, em bom e conveniente estado e a derrubar mato e capoeira em ambos os lados do caminho, na largura de cinco braçadas.

Artº. 3º. - Cada proprietário tem de pagar um impôsto anual à bem da comunidade em respeito de igrejas, escolas, hospitais, caminhos, pontes, poços e outras instituições públicas. Este impôsto será regulado pelos representantes dos proprietários, como também a maneira de cobrá-lo, anualmente se prestará conta. Este impôsto será ao menos 2\$000 por cada fogo no terreno.

Artº. 4º. - Os meios a disposição da comunidade serão:

a) os impostos regulares e continuos, que os proprietários têm de pagar;

b) os impostos, que os possuidores de bestas de cavalgar, de tiro ou de carga terão de pagar em conformidade com as disposições dos representantes e do diretório;

c) os socorros que a Diretoria da Colônia, com aprovação da Junta da Colônia concederá anualmente.

O achar e procurar mais outros meios e recursos é tarefa dos representantes - (Artº. 10º.) e do Diretório (Artº. 11º.).

Artº. 5º. - O princípio fundamental, conforme o qual se devem pagar as contribuições mencionadas no Artº. 2º., sob a, por cada propriedade de bens de raiz em um distrito eleitoral e em suas partes, comumente administradas, será:

a) Propriedades na povoação pagam 2\$000 cada uma. Propriedades conexas, que se acham em uma só mão e têm um só fogo até o tempo em que o presente regulamento tiver vigor, devem ser consideradas como uma.

b) Propriedades rurais com uma área de 100 geiras coloniais pagam 2\$000, 20 rs. por cada geira de terras a mais até 200 e 10 rs. por cada geira de terras a mais de 200. Os lotes rurais que, por causa da má

qualidade do terreno, são menos próprios para a lavoura e por isso contiverem mais de 100 geiras, só podem pagar impôsto marcado para 100 geiras.

Incumbe ao Diretório mencionado no Artº. 11º, a dicriminação das propriedades, que pertencem à povoação e das rurais. Lotes recentemente comprados à Diretoria deverão ser contribuintes somente um ano depois do dia da compra. Podem contribuir somente as propriedades da povoação ou rurais nos distritos, em que se acham caminhos coloniais.

Artº. 6º. - Os órgãos da Comunidade colonial, para alcançar os desejados são:

- 1 - Os representantes dos distritos;
- 2 - As assembléias dos proprietários de um distrito;
- 3 - A junta de comissão dos representantes de todos os distritos;
- 4 - O Diretório.

Artº. 7º. - A Colônia inteira fica dividida em distritos e os proprietários, pertencentes a um distrito, reunidos em assembléia, elegem um representante do respectivo distrito. Esta eleição deve ter lugar de dois em dois anos, na 1ª metade do mês de dezembro. Incumbe ao Diretório a publicação e direção da eleição e tem o mesmo de convidar os proprietários, por afixos nos respectivos distritos 14 dias antes do dia da eleição. Ninguém pode ser representante de um distrito, que não tem sua morada fixa no mesmo:

Artº. 8º. - A cada representante de um distrito incumbe a inspeção da parte do caminho que pertence ao seu distrito e que deve ser marcado pelo Diretório. Além disso, deve o tal representante dirigir os trabalhos nos caminhos, pagos pela caixa do distrito e percebe, em recompensação, 5% da quantia gasta. Caso porém êle mesmo tome a seu encargo os tais trabalhos, não tem direito à percentagem. Sobre o estado de caminho, que lhe toca, tem o representante de referir, logo que necessário julgar, à assembléia dos proprietários do seu distrito, como também ao Diretório. Para a conservação dos caminhos deve a assembléia mencionada, pôr a disposição do representante, certa quantia por certo tempo. No caso de trabalhos extraordinários no caminho, tem o representante de apresentar à assembléia um orçamento, afim de ser por ela outorgado tais trabalhos. Cada representante de um distrito tem de cobrar, no mesmo, os impostos, legalmente fixados, dentro do prazo marcado pelo Diretório; tem de administrar respectiva caixa, tem de acorrer da mesma maneira aos trabalhos necessários no caminho, tem de fazer em regra a escrituração em um livro de contas, tem de apresentar à assembléia do distrito de três em três meses uma relação a respeito da sua administração, afim de ser por ela examinada e aprovada e, depois da aprovação, remeter ao Diretório a mesma relação. O representante de um distrito tem de passar às mãos do procurador no mês de dezembro de cada ano a relação nominal dos restantes no pagamento dos impostos, para cobrá-los, perdendo a caixa do distrito as quantias cobradas pelo procurador em favor da caixa do Diretório. Pelos trabalhos da cobrança dos impostos no seu distrito e pela administração da caixa do mesmo, deve o representante receber uma indenização de 5% de todo o dinheiro realmente cabrado; êstes 5% deverão ser pagos de três em três meses ao representante de um distrito, pelo procurador, da caixa do diretório, depois de apresentada a relação e aprovada a receita e despesa.

Artº. 9º. - Cada distrito emprega todos os impostos no distrito mesmo. A comunidade de um distrito composta de todos os proprietários maiores

para alcançar o fim desejado mencionado no Artº. 1º. em todos os casos que não tocam aos outros órgãos da comunidade da Colônia.

O Diretório tem uma caixa, criada pelos socorros da Diretoria da Colônia, para outras receitas que por acaso lhe possam ser concedidas e dos impostos que não foram cobrados pelos representantes dos distritos e a cobrança do sexo masculino, tem em primeiro lugar a inspeção dos respectivos representantes da caixa do distrito, como também a determinação sobre o emprêgo do dinheiro nos trabalhos de caminho nos distritos respectivos. Esta comunidade terá de três em três meses e num dia certo e aprazado uma assembléa ordinária sob presidência do representante do distrito, afim de deliberar a respeito dos caminhos. A comunidade de um distrito pode ser convocada sempre extraordinariamente pelo representante ou sob proposta de três proprietários do distrito. A assembléa da comunidade de um distrito convocada pode deliberar, se o representante e pelo menos cinco proprietários do distrito estiverem presentes. Supõe-se que uma tal assembléa está invíte aprazada enquanto não fôr provado o contrário. Em tôdas as votações decide a maioria dos votos; se forem iguais, o voto do presidente. Nestas assembléas do distrito têm os proprietários com mais de uma propriedade, só um voto.

Artº. 10º. - A junta da comissão compõe-se dos representantes de todos os distritos. A mesma tem de reunir-se anualmente uma vez nos primeiros quinze dias do mês de janeiro, depois de convocada pelo Diretório, afim de uma sessão ordinária sob presidência de um presidente, eleito pelos representantes. Nessa sessão receberá as juntas do representante do Diretório, um relatório circunstanciado sobre a receita, despesa e administração; fixará os impostos que se hão de pagar na colônia e autorizará o Diretório a decretar a cobrança dos mesmos; deliberará em que maneira se podem achar e procurar mais meios e recursos; fixará as quantias com que, em caso de necessidade, as caixas dos distritos devem socorrer a caixa do Diretório que tem de servir por um ano.

A eleição se fará da maneira que o Diretório fique composto de tantos membros, quantas são as secções na colônia e de um membro para cada secção, devendo porém o membro ter a sua propriedade e morada constante na respectiva secção. Se fôr eleito como membro do Diretório um dos representantes dos distritos, tem êste de depôr seu cargo como representante, e se procederá a eleição de um outro representante no respectivo distrito. A junta dos representantes pode decidir, se forem reunidos dois terços dos representantes e decide a maioria absoluta.

Artº. 11º. - O Diretório tem tantos membros, quantas são as secções (Artº. 10º.) e um procurador como membro constante. Os primeiros serão eleitos pela junta dos representantes pelo tempo de um ano. O Diretório representa para os fins mencionados do Artº. 1º. todos os proprietários da Colônia, procede legitimamente por êles; faz resoluções sob presidência de um presidente, eleito entre os membros e conforme um regulamento por êle estabelecido; convoca as assembléas anuais ordinárias e se fôr necessário, também extraordinárias, da junta dos representantes; decreta em nome da junta os impostos e a cobrança dêles; ordena e dirige as eleições dos representantes; tem a superintendência sobre os representantes e de sua administração; pode proceder contra êles por contrariedades às suas obrigações e decide as queixas contra êles; fica autorizado a dar as ordens necessárias para a execução dêste regulamento de comunidade com, em geral e ordenar, fixar e executar tudo

dos quais devia proceder o procurador conforme a relação dos restantes lhe entregue pelo representantes. Desta caixa se fazem os gastos da administração comum e podem ser socorridos por ela os distritos em que os impostos não chegam para acorrer às despesas de trabalhos dispendiosos, como construção de pontes ou trabalhos em maior escala nos caminhos, socorros cujo emprêgo conveniente, devem ser inspecionados pelo Diretório. Cada membro do Diretório tem de apresentar ao Diretório as petições neste sentido da secção que representa e de informá-los em primeiro lugar. O Diretório da Colônia ou seu substituto pode em tôdas as sessões da diretoria comparecer e concorrer com seu voto nas deliberações e decisões. O Diretório tem assembléias ordinárias e se fôr necessário, extraordinárias, convocadas pelo seu presidente e podem decidir com absoluta maioria, estando presentes pelo menos três de seus membros e o procurador. Incumbe ao presidente e ao procurador como secretário estabelecer a ordem do dia de cada sessão do Diretório conforme os officios, relações, petições e propostas apresentadas, como também a ordem do dia da junta anual dos representantes dos distritos, e mais a execução das comissões que lhes forem dadas especialmente pelo diretório ou pela junta dos representantes e de designar as cartas, officios, etc. em nome da Direcção ou da junta. O Diretório tem de publicar de quando em quando resumos dos protocolos das sessões.

Artº. 12º. — Cada proprietário é obrigado a aceitar o cargo para o qual foi eleito, salvo os que já exercerem um outro emprêgo público ou que tem razões julgadas válidas pelo diretório.

Artº. 13º. — Para protocolar e outras escriturações na administração que não tocam aos representantes dentro dos seus distritos, para administrar a caixa do Diretório e para defender os direitos da comunidade da Colônia, escolhe o Diretório de três pessoas propostas pela Direcção da Colônia, um procurador, que tem de assistir a tôdas as sessões do Diretório com votos nas deliberações. Caso fôr eleito como procurador um membro da junta dos representantes ou do Diretório, tem êste de depôr seu cargo anterior, e em seu lugar entra outro eleito em uma eleição ordenada pelo Diretório. Esta nova eleição para representantes, faz-se pela comunidade do respectivo distrito e para membro do Diretório, pelos representantes da secção, cujo representante no Diretório sai. O procurador e secretário da junta dos representantes e do Diretório como tal tem de protocolar em tôdas as sessões tem de escrever todos os officios, cartas, etc. e de guardar o arquivo por inteiro. A respeito da administração da caixa tem de seguir as direções lhe dadas pelo Diretório. Incumbe ao procurador mais a inspeção de todos os distritos, especialmente na ocasião da distribuição de trabalhos e o exame dos meses, depois de acabados, como também em outros casos onde uma inspeção local se tornar necessário, de ir ao lugar em questão, para examinar tôdas as circunstâncias sôbre as quais referirá depois ao Diretório. Também tem o procurador de fazer participação ao fiscal ou seu substituto

de tôdas as infrações das posturas da Câmara Municipal que encontrar a respeito dos caminhos públicos para que esta proceda contra os infratores. Para poder defender os direitos da comunidade da Colônia para fora, receberá procuração bastante da parte do Diretório. Além disso incumbe ao procurador a escrituração no cadastro das propriedades da Colônia, de confeccionar os registros da cobrança de impostos para os distritos e os mandados para as eleições e de remetê-los aos representantes e outras pessoas autorizadas pelo Diretório e de cobrar os restos dos impostos conforme as relações dos representantes, responsável de proceder contra os omissos ou renitentes na forma da lei. O cargo de procurador deve ser considerado como emprêgo público. O emprêgo dêle é constante e independente de uma nova eleição do Diretório. O procurador pode ser demitido já, depois de uma averiguação que documenta prevaricações, aliás, sòmente seis meses depois de ser avisado. O procurador tem de prestar juramento judicial em presença do presidente da diretoria antes de entrar nas suas funções, com que promete administrar fielmente a caixa e bem assim a escrituração dos livros e outros escritos. Em compensação de seus trabalhos receberá o procurador um salário cuja importância será fixada pela junta dos representantes e que em certos termos pode tirar da caixa do Diretório.

Artº. 14º. — A junta dos representantes, mencionada no Artº. 10º., funciona sempre até que entra em função por ordem do Diretório a nova junta, eleita de dois em dois anos, nos primeiros quinze dias do mês de janeiro. O Diretório de que fala o Artº. 11º. funciona até que entra em função o Diretório nôvo e eleito anualmente pela junta dos representantes na primeira metade do mês de janeiro, e será instruído no que é de seu dever pela junta dos representantes e pelo Diretório precedente. O exame das eleições para a nova junta dos representantes incumbe à nova junta mesma, e tem o Diretório de apresentar para isso os autos das eleições. As eleições extraordinárias serão examinadas pelo Diretório e neste caso será admitido um recurso para a junta dos representantes.

Artº. 15º. — Uma alteração das determinações essenciais dêste Regulamento de Comunidade terá sòmente vigor se depois de proposta pelo Diretório fôr concluída pela junta dos representantes e aprovada pela junta seguinte.

Artº. 16º. — Todos os proprietários da Colônia Blumenau estarão sujeitos ao presente Regulamento da Comunidade.

FÁBRICA DE GAZES
MEDICINAIS
CREMER S.A.

Blumenau - Rua Iguassú, 291/362 - Santa Catarina

Caixa Postal, 80 - Fone, 1332

Gazes e Ataduras Mediciniais

Ataduras Gessadas

Algodão Hidrófilo

Fraldas para Bebês

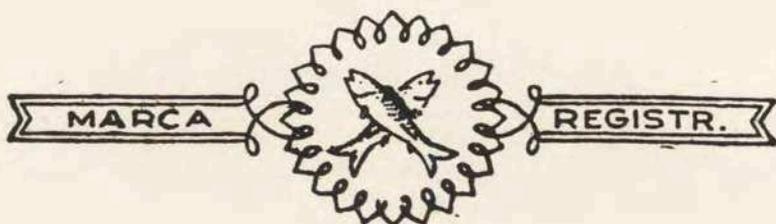
Faixas Higiénicas para Senhoras

Artigos de primeira qualidade

INDÚSTRIA TÊXTIL
Companhia Hering

BLUMENAU - Estado de Santa Catarina - Brasil
RUA HERMANN HERING, 1790 - CAIXA POSTAL, N.º. 1

TELEGR. : «TRICOT»



FÁBRICA DE:

ARTEFATOS DE MALHA

FUNDADA EM 1880

Contribuindo para a

Grandeza do Brasil

em seu Comércio

e Indústria